

COLEÇÃO CLÁSSICOS REVISIONISTAS

Nº 2 - A FÁBULA DO HOLOCAUSTO

de Arthur Butz

Resumo sintético dos principais ítems que demonstram a impossibilidade, sob variados aspectos, da lenda do "holocausto". O autor é um dos mais importantes revisionistas do mundo e integrante do Institute for Historical Review, da Califórnia.

Nº 3 - A HISTORIA DAS SS EUROPÉIAS

do General-SS Leon Degrelle

A verdadeira história das Waffen-SS, narrada de maneira magistral por um de seus mais famosos integrantes. Obra básica para compreender o contexto histórico em que surgiu o mais fantástico e controvertido grupamento militar contemporâneo.

Digitalizado pela equipe do site:

www.INACREDITAVEL.com.br

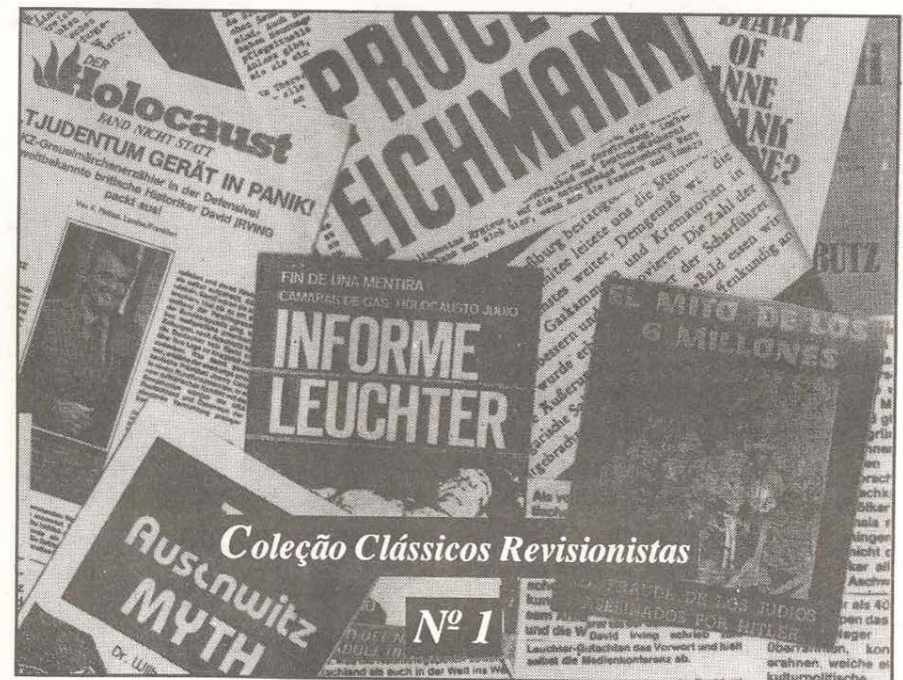
RESERVE JÁ O PRÓXIMO NÚMERO!

A SAIR: Nº 2 "A FÁBULA DO HOLOCAUSTO, de Arthur Butz"

Eduardo Arroyo



O QUE É O REVISIONISMO?



Ediciones Rioplatenses

Eduardo Arroyo

O QUE É O REVISIONISMO?

COLEÇÃO CLÁSSICOS REVISIONISTAS

Nº 1

Ediciones Rioplatenses

© *Eduardo Arroyo*
© *Ediciones Rioplatenses*

Queda hecho el depósito que marca la ley 11.723
Impreso en Talleres Gráficos Unión del Sur, calle Agüero 2346,
Buenos Aires, Argentina.

IMPRESO EN LA ARGENTINA.
PRINTED IN ARGENTINA.

Prólogo

Se você um dia necessitasse uma serra para cortar aquele galho de árvore que o impede de contemplar a extraordinária vista que se descortina da janela de seu quarto, não titubearia em pedi-la ao seu vizinho da frente. Não cabe a menor dúvida que este seria suficientemente amável para emprestá-la. Porém considere, por um momento, que seu vizinho de baixo, por algum motivo inexplicável, tem a mania de dizer que você é uma pessoa má, que não merece de modo algum os favores dos demais membros da comunidade. Seu vizinho de frente, recém chegado e que mal o conhece, cai vítima dos insistentes murmúrios e julga inapropriado emprestar-lhe qualquer coisa. Em conseqüência você não poderá cortar o galho que tanto o molesta como, além disso, deverá sofrer, por sua conduta supostamente incorreta, as iras de todos os vizinhos. Para remediar o mal feito, você deverá convencê-los que os fatos não são como eles acreditam. Ou seja, deverá levá-los a uma revisão de conceitos: levá-los a um revisionismo.

O fundamental nesta situação trivial é que alguém (seu vizinho de baixo), difundindo algo que não é verdade, foi capaz de alcançar o fim a que se propôs: predispor toda comunidade contra você e condicionar assim o comportamento dos demais aos seus próprios objetivos. A conclusão mais imediata que se depreende destas breves linhas é que **informação é poder** e pode provocar hábitos de comportamento segundo os desígnios de quem a controla.

A essência desse processo reside no fato de que as pessoas percebem e retêm sensações, de acordo com o material apresentado, o qual, juntamente com as qualidades inatas do indivíduo, condicionam o seu comportamento. Conseqüentemente as pessoas agem e emitem juízos em função daquilo que conhecem; do que conhecem essencialmente através dos meios de comunicação. Sem dúvida nenhuma, o binômio dinheiro-informação se encontra completamente integrado na nossa sociedade. Quem tem dinheiro pode "emitir" mais informação do que os que não o possuem. Na única parte em que parecem diferir os componentes de tão funesta tendência é que o dinheiro faz mais poderosos aqueles que o conseguem monopolizar, uma vez que a informação confere poder àquele que mais a distribui e que consegue melhor resposta na relação emissor-receptor. Neste contexto, temos todos em mente o velho lugar-comum -nem por isso menos válido- do indivíduo destruído através de uma campanha adversa dos meios de comunicação. Conseqüentemente os homens das modernas sociedades do sistema, sejam orientais ou ocidentais, se encontram imersos dentro da dinâmica do homem-massa -paradigma do espírito do rebanho- precisamente porque em nossas sociedades já faz muito tempo que a informação é um autêntico monopólio. Evidentemente que isto não se refere somente a jornais, revistas, rádio, televisão, etc, senão também à capacidade de difundir modas e costumes em escala mundial, fazendo, conseqüentemente, com que, em nações de culturas díspares,

imperem os mesmos padrões no que concerne a ritmo de vida, gostos musicais e artísticos em geral, fato que impede o desenvolvimento natural das diferentes culturas.

O poder abrangente da informação alcança parâmetros que nem o mais inveterado colonialista do Século XIX se atreveria a prognosticar. E esta abrangência é o que, hoje em dia, está solapando a individualidade de pensamento. O atual homem-massa, cuja autêntica idolatria pela letra impressa e pela onda televisiva o leva a não ver suas necessidades mais imediatas, tornou-se refratário a ouvir aquilo a que não está acostumado a ouvir. Inclusive "dissidências" aparentes, como os movimentos de rebeldia juvenis, alguns "pensadores" contestatórios e outros, agem em consonância com o espírito do sistema, pois este mesmo sistema é, antes de mais nada, um espírito que se apresenta como uma maneira de ser, e estes contestadores não fazem nada mais do que contribuir com a fatídica obra de dinamitar coletivamente tudo aquilo que em seu tempo foi a Cultura Ocidental.

Amoldar artificialmente a informação a fins pré-estabelecidos implica necessariamente na falsificação da Verdade Histórica: sabemos que os fatos aconteceram e são só de uma maneira. Este é o motivo porque o movimento revisionista pretende romper o monolito informativo do sistema, para depois resgatar a História, tal como ela realmente foi. Nas páginas seguintes denunciaremos a perseguição legal, porém ilegítima, dos revisionistas em todos os países do mundo, com o único fim, não de suprimi-los fisicamente -até o momento- senão de impedi-los de se fazerem ouvir, aberta e livremente. Também exporemos as principais razões pelas quais é necessário a continuação deste trabalho.

Hoje, mais do que nunca, deve-se apelar aos últimos vestígios de personalidade e espírito crítico que o sistema esqueceu de aniquilar em sua obra devastadora. Nosso propósito é o de revelar -conscientes da desproporção de meios- a existência de um movimento que nega a versão estabelecida da História Contemporânea, ao mesmo tempo em que denuncia a manipulação e a tergiversação da mesma, com fins políticos e, principalmente, ideológicos. Não pretendemos expor detalhadamente o que dizem os diversos autores, mas sim, esboçá-lo brevemente, com o fim de que se saiba a quem dirigir-se, caso se tome a audaz decisão de se aprofundar neste apaixonante tema. Este é o momento de esquecer preconceitos, pensar por si mesmo e descobrir que somente você, prezado leitor, decide continuar ou não lendo estas páginas.

O QUE PRETENDE O REVISIONISMO?

Hoje em dia, os homens formam suas opiniões com o que aprendem com o meios de comunicação. A tese fundamental mais ou menos implícita em todos os textos

revisionistas é que a onipotência de ditos meios de comunicação tem conseguido falsificar, tergiversar, quando não, inventar, certos períodos da história, com o fim de alcançar a hegemonia política e ideológica do credo, da idéia vencedora no ano de 1945. Outrossim, existem historiadores revisionistas cuja obra se tem centrado em períodos da história como, por exemplo, a Revolução Francesa, enquanto outros pretendem efetuar uma revisão de toda a história contemporânea. Mesmo assim, o principal cavalo de batalha do revisionismo se centra na Segunda Guerra Mundial e mais concretamente, em três questões-chave:

1- A questão da culpabilidade no desencadeamento da mesma, que recai exclusivamente sobre a Alemanha Nacional-Socialista;

2- A questão das supostas atrocidades nazistas. Este ponto compreende por sua vez outros dois: a) A execução premeditada de seis milhões de judeus como parte de um plano oficial do governo alemão para extirpar os judeus da face da terra. Tais execuções teriam tido lugar mediante a utilização de câmaras de gás especialmente desenhadas para este fim, enquanto que os corpos eram incinerados em fornos crematórios ou em enormes piras ao ar livre. b) Os bombardeios aéreos terroristas sobre populações civis não consideradas objetivos militares.

Ambas as acusações são os pilares fundamentais da tese, hoje mundialmente aceita, sobre a extraordinária brutalidade nazista.

3- Por último, divulgar e esclarecer as atrocidades -científica e historicamente demonstráveis- cometidas pelos principais membros do lado vencedor e ocultadas graças à cumplicidade dos meios de comunicação de todo o mundo.

Estas são as principais frentes da luta revisionista mundial. Entretanto, o edifício principal das acusações sobre o lado perdedor se levanta em torno do propalado "holocausto" de seis milhões de judeus, constituindo-se o pilar central de semelhante lenda o famigerado campo de concentração de Auschwitz. Antes de enunciar sucintamente ditas acusações, consideramos que o leitor conheça sobradamente qual é a versão da história mais amplamente difundida acerca destes temas. Dita versão não é senão aquela que o "establishment" informativo tem conseguido inculcar nas mentes das pessoas em todo o mundo. Por isso torna-se necessário enunciar brevemente quais são as posturas revisionistas que fazem referência aos três temas.

1- Quanto à culpabilidade no desencadenamento da guerra, o revisionismo considera que a referida guerra não começou em 1939 porém muito antes: concretamente no primeiro dia em que o partido nazista, NSDAP, alcançou o poder. Na quela data se desencadeou uma ofensiva mundial, ideológica, econômica e diplomática cujo cume se alcançaria em 1º de setembro de 1939 e que finalizaria com a destruição da Alemanha nazista e seus aliados. Semelhante ofensiva foi levada a cabo por grupos de pressão internacionalistas e apátridas, cujos interesses se chocavam frontalmente

com as teses nacional-socialistas e que, inclusive, divergiam fundamentalmente dos autênticos interesses dos países e povos em guerra com as potências do Eixo. Ditos grupos de pressão não são outros que os que compõem o movimento sionista internacional. Este movimento não se trata de uma frase feita. Existe oficialmente desde o Congresso Sionista celebrado em Basiléia, Suíça, no ano de 1897, apesar de que, de forma não oficial, já vinha atuando desde a muito mais tempo.

2- Ainda que no tema anterior os diferentes autores se apeguem em evidências diferentes e pontos de vista diversos, neste, a posição é unânime. Segundo o professor Arthur Butz, autor de "La Fábula del Holocausto": "Ninguém pretende a possibilidade ou probabilidade de que nunca um judeu tenha sido morto ou maltratado por um alemão. Porém seis milhões de judeus não morreram jamais nos campos de concentração. Jamais houve ordem de extermínio. Jamais os alemães praticaram o tão famigerado 'genocídio'. Da nossa parte acrescentaríamos que jamais existiram as câmaras de gás. Quanto à questão dos bombardeios, os alemães elegeram zonas de interesse estratégico, como os centros industriais de Coventry e Londres. Os aliados começaram bem antes e com o objetivo de dobrar e minar a moral da população alemã. É historicamente demonstrável que os dirigentes alemães suportaram os ataques durante um certo tempo antes de aplicar represálias, que nunca atingiram a magnitude apocalíptica dos bombardeios de Tóquio, Berlim, Hamburgo, Paris e principalmente Dresden.

3- Neste ítem, a acusação revisionista sobre o lado vencedor é implacável. Compreende os seguintes pontos:

- a) Bombardeios terroristas sobre a Alemanha, Áustria e o resto da Europa ocupada;
- b) Bombardeios terroristas sobre o Japão;
- c) Soldados alemães, incluindo prisioneiros e feridos, vítimas dos 'partisans', além da população civil, incluindo italianos, "executados" por 'partisans' no norte da Itália. Este ponto é incluído porque a guerra de guerrilha contraria os acordos da Convenção de Genebra, da qual eram signatários todos os países beligerantes, com exceção da URSS.
- d) Oficiais poloneses assassinados em Katyn;
- e) Civis alemães assassinados na Polônia antes de declaração da guerra;
- f) "Auslandsdeutsche" assassinados nas seguintes regiões:
 - 1- Sudetos
 - 2- Checoslováquia
 - 3- Iugoslávia

4- Báltico (Rumênia e Hungria)

5- Polônia (antes e depois da guerra).

g) Depuração legal na Alemanha amparadas em leis retroativas.

h) Assassinatos coletivos na Alemanha e Áustria no período pós-guerra.

i) Mortes de civis em consequência das deportações forçadas no leste europeu.

j) Refugiados alemães assassinados pelos soviéticos ao tentarem fugir da Prússia Oriental;

k) Soldados croatas, ucranianos, russos, muçulmanos, servios e albaneses, vítimas da operação "Keelhaul" e assassinados na deportação;

l) Cidadãos americanos de origem japonesa assassinados nos campos de concentração do Arizona;

m) Cidadãos franceses vítimas da depuração legal, com leis retroativas, na França;

n) Cidadãos franceses "executados" sumariamente após a ocupação da França pelos aliados;

o) Italianos de Istria, Dalmácia e Venécia executados por "titistas" (partidários de Josip Tito);

p) Demais vítimas que, aos milhares, sofreram "deparações" na Bélgica, Holanda, Luxemburgo, Dinamarca, Noruega, Polônia, Estônia, Letônia, Bulgária, Romênia, Eslovênia, Iugoslávia, Albânia, Grécia, Hungria, Ucrânia, Rússia e Itália.

q) Os mais de um milhão de prisioneiros de guerra alemães que foram mortos, depois que a guerra já tinha acabado, nos campos de concentração americanos, sob a supervisão de Eisenhower e em diversos campos franceses e ingleses.

Como o leitor pode ver, tratam-se de opções contrapostas, sendo a "opção revisionista" uma negação radical da versão oficial do "establishment". Por ser a História uma disciplina que estuda fatos objetivos, não podem admitir-se soluções intermediárias ou de "compromisso". Os acontecimentos históricos sucedem unicamente de uma maneira e somente com o trabalho minucioso podemos desmascarar a trama dos acontecimentos. Disto se conclui que a História não pode ser mudada, porém o seu registro sim. A seguir veremos quais as razões de peso que existem para essa falsificação e para a manutenção de uma versão deturpada dos fatos, além de como foi possível semelhante aberração.

Por que é necessário o revisionismo?

Não é necessário ressaltar mais uma vez que a tese da extraordinária brutalidade nazista é algo comumente aceito. A pedra angular desta teoria não é outra do que o pretendido "holocausto" judeu. Contra este "holocausto" se levantaram as vozes dos revisionistas mais reputados do mundo.

No transcurso de todas as guerras contemporâneas sempre existiu a propaganda chamada "de atrocidades". Durante a primeira guerra mundial os alemães foram acusados de atrocidades que, hoje, nos fazem rir. Chegou-se a acusá-los de haver comido crianças belgas e de se haverem divertido jogando-as ao alto para espetá-las ao cair, com a ponta das baionetas. Mais tarde inventaram o absurdo das fábricas de glicerina, que utilizavam cadáveres de soldados britânicos como matéria prima. Evidentemente que ao finalizar a guerra, o ministério de assuntos exteriores inglês se retratou publicamente de semelhantes acusações e reconheceu que se tratava de propaganda de guerra.

Este propósito de emenda, ou correção, não teve lugar após o término da Segunda Guerra, senão que, muito ao contrário, os vencedores empreenderam uma perseguição legal, atendendo aos mesmos desígnios propagandísticos que haviam crescido e se desenvolvido à sombra da guerra. Dita perseguição dura até nossos dias quando -meio século após o fim das hostilidades- se segue perseguindo e detendo, quando não raptando, obscuros e heptagenários personagens do exército alemão, sob acusações que se enquadram perfeitamente com os esquemas da propaganda do "holocausto". Por isto podemos agora levantar a seguinte questão: a que se deve esta diferença nas atitudes dos dirigentes do lado vencedor de ambos os conflitos? A diferença se estriba no fato de que a Segunda Guerra foi um conflito **ideológico**. A vitória das armas Aliadas supõe, paralelamente, a vitória de algumas teses sobre as quais se edificou o mundo posterior a 1945.

Em favor dessa hegemonia ideológica, consequência da vitória militar e tão importante como ela, a propaganda deve se manter. Não se trata senão de uma justificação em larga escala. De alguma maneira tinham de justificar os crimes - desta vez autênticos- que foram enumerados anteriormente e ao mesmo tempo impedir por todos os meios o ressurgimento na Europa da doutrina derrotada nos escombros de Berlim.

Contrariamente às ideologias vencedoras do conflito, que sempre ascenderam ao poder através de conspirações palacianas, intrigas internacionais e com o apoio de obscuros líderes, os movimentos chamados "fascistas" -especialmente o nacional-socialismo- foram todos movimentos de massas que despertaram um entusiasmo popular desconhecido até aquela data.

Ditos movimentos foram, e continuam sendo, enterrados sob montanhas de

inverdades e mistificações. Era preciso que os derrotados fossem "maus". Mais ainda: que fossem os piores entre os maus, para representar perfeitamente seu papel em uma obra maniqueísta de "bons" muito bons e "maus" muito maus. É lógico que há algo mais. E isto é o medo inconfessável ao inimigo que esteve a ponto de derrotar ao credo político do século XIX, representado pelos vencedores de 1945, pelos autênticos vencedores da Segunda Guerra Mundial: a URSS e o comunismo que lhe dá vida. Como muito bem disse o revisionista espanhol Joaquim Bochaca, é o medo daquilo que "ainda recorda como um adversário, que tinha que atender múltiplas frentes ao mesmo tempo, os pôs à borda da derrota e lhes infligiu tremendos golpes, apesar de uma incrível inferioridade numérica e material; um adversário cujo renascer tem se que impedir por todos os meios... é o medo patológico dos velhos, o pânico senil; é o espetáculo das ruínas, o pânico dos vencedores militares, dos quarenta aviões contra um, dos três mil navios contra quinze submarinos, das quarenta nações contra uma...". Medo, em definitivo, é a palavra.

Porém este mito tem atuado não somente como antídoto ideológico, senão que também tem tomado parte ativa na manutenção do "establishment", fundamentalmente através de dois aspectos:

- 1- Utilizando o "holocausto" como arma antinacional;
- 2- Fazendo do tema racial uma questão tabu.

O "holocausto" judeu, ou o "genocídio", como gostam de chamá-lo seus defensores nos Estados Unidos, tem sido utilizado indiscriminadamente para reprimir ideologicamente qualquer forma de nacionalismo. Quem quer que se atreva a fazer bandeira do nacionalismo, de uma maneira inoportuna para o sistema, será politicamente aniquilado com a simples associação de idéias entre a sua atitude e a do nacional-socialismo. O caso mais ilustrativo deste exemplo constitui Le Pen e sua Frente Nacional, na França, a qual, ainda que sendo nada mais do que uma organização de direita, graças à questão da imigração massiva proveniente do Terceiro Mundo, se lhe tem jogado a pecha de um suposto "nazismo", na verdade inexistente. Como disse o revisionista inglês Richard Harwood em seu opúsculo "Morreram Realmente Seis Milhões?":

"Enquanto este mito (do "holocausto") se mantiver, os povos de todos os países serão seus escravos; a ONU lhes meterá na cabeça a necessidade de tolerância e de compreensão até que a nacionalidade -verdadeira garantia a liberdade- seja suprimida".

A este respeito podemos citar, por recomendação do próprio Harwood, o livro de Manvell e Frankel, "The Incomparable Crime" (Londres, 1967), como exemplo típico do emprego do "holocausto" como arma antinacional. Em sua página 14 diz claramente que "as raças brancas da Europa e da América se acostumaram durante séculos

a se considerarem um "Herrenvolk" (raça de senhores). O Século XX, o Século de Auschwitz, tem feito também realidade a primeira etapa de associação multirracial". Com esta frase, clara síntese do que viemos dizendo, passamos a ocupar-nos da segunda questão; a do tema racial, estreitamente ligado ao primeiro.

O Tema Racial: Tema Tabu.

É sabido que na atualidade o tema racial -a questão da existência ou não de diferenças inatas entre as distintas raças que povoam o globo- se converteu em um tema tabu. Nenhuma outra questão desperta emoções tão acaloradas como a do tema racial. Tampouco nenhuma outra torna as pessoas tão irascíveis. Paradoxalmente este tipo de reação se dá de um modo mais marcante naqueles países onde se supõe uma maior liberdade e uma ausência de preconceitos. Nas mais modernas sociedades ocidentais você pode criticar aspectos ou opiniões que têm sido consideradas tradicionalmente como sagradas em nossa cultura, porém, se se atreve a criticar certa política governamental que permite a imigração massiva e incontrolada de não-europeus para a Europa, será imediatamente tachado de "racista". Tal como asseguram os meios de comunicação, os nacional-socialistas eram racistas segundo o mais puro estilo de Hollywood e sabemos o que estes levaram a cabo: o assassinato planejado de seis milhões de judeus.

Aceitando como verdadeiros estes silogismos, nenhuma pessoa em são juízo deixaria de admiti-los como corretos e o mesmo aconteceria como a conclusão a que conduzem. Não obstante, o revisionismo histórico os denuncia como falsos, uma vez que o "holocausto" judeu jamais existiu. A lenda dos seis milhões tem como missão principal, alimentar a mentira da perversidade intrínseca de toda política racista, ao mesmo tempo em que deforma e tergiversa a intencionalidade da mesma. No aspecto teórico, é complementada com a velha tese NUNCA DEMONSTRADA e comum a marxistas e liberais, sobre a igualdade inata de todos os homens e que tem dado à luz a todas as dogmáticas escolas ambientalistas. Na atualidade podemos dizer, sem nos enganarmos, que o problema demográfico é o mais grave de quantos tem ameaçado o Ocidente. Quando falamos em Ocidente, incluímos também os povos por detrás da Cortina de Ferro e todas aquelas nações de ultramar criadas pelos europeus ao longo do desenrolar da História. Se achamos que é o maior dos problemas é porque acreditamos que está em jogo até a própria sobrevivência física dos povos europeus. Os romanos diziam "primum vivere et postmodum philosophare", primeiro viver depois filosofar. É óbvio que se não existissem europeus, não haveria por que nos questionarmos a respeito da cultura ocidental. O contrário seria pôr o carro diante dos bois. Este problema apresenta obviamente duas fontes. Por um lado a natalidade dos povos europeus e da Europa como um todo, é suicida. Consegue apenas manter constante o número de habitantes (*). A população europeia vem diminuindo e mesmo

(*) O autor é espanhol.

assim nossos governos querem nos fazer crer que isto é um símbolo de "desenvolvimento", por ser uma característica comum a todos os países "desenvolvidos", ou seja, europeus. Paralelamente não deixam de apoiar insensatas campanhas de "controle de natalidade" enquanto que em muitos países ocidentais a natalidade é tacitamente penalizada por uma preocupante política fiscal. Como se fosse pouco o hedonismo imperante entre a juventude europeia, esta carreira insensata ao suicídio demográfico é incentivada oficialmente e violentamente pelo sistema. Hoje em dia já podemos falar em "países em vias de extinção" e que, ao contrário do que acontece com determinadas espécies animais, não foram declaradas "espécies protegidas" pelos estadistas. Esta é a razão porque os governos atuais são claramente antipopulares. Se o objetivo de um governo é, mediante o bem-estar em todos os sentidos (não somente material), conservar um povo e assegurar-lhe o futuro, está claro que, dentro do contexto político atual, estamos diante de uma flagrante contradição, já que o futuro dos países ocidentais é o **nada** demográfico. Além do mais, nossos governos estão fomentando, com tolerância tácita, a imigração massiva e incontrolada de elementos não-europeus. Mais ainda, estão promovendo a "integração" e a mestiçagem mediante a anulação da consciência racial europeia e a poda das raízes populares, que já é total em qualquer das grandes cidades da Europa atual. Além da taxa de imigração elevada, a taxa de natalidade destes imigrantes geralmente é o dobro da dos europeus.

Não devemos esquecer que a situação é realmente desesperadora. Europa está em situação de legítima defesa. Pois bem, quem quer que seja, que se atreva a denunciar a existência objetiva de um autêntico problema racial, com gravíssimas implicações biológicas e políticas, será rotulado de "racista", e este é o pior estigma que existe em nossa sociedade. Ademais, como todo mundo sabe, os nazistas, os "genocidas", eram racistas, logo existe um antecedente histórico comprovado, segundo os meios de comunicação, de que o "racismo" trouxe consequências funestas: o assassinato de seis milhões de judeus. O já mencionado Harwood, na sua anteriormente citada obra nos diz:

"Quando Enoch Powell, em um de seus primeiros discursos, chamou a atenção sobre o perigo que representa a imigração de pessoas de cor para a Grã-Bretanha, um eminente socialista evocou o espectro de Auschwitz e Dachau para fazê-lo calar-se. Desta maneira se desencoraja efetivamente toda discussão razoável sobre os problemas raciais e sobre os esforços que deveriam intentar-se para conservar a integridade racial".

Em linhas anteriores o mesmo autor sentencia de modo apocalíptico, porém não menos cheio de razão:

"Vários países anglo-saxões e particularmente a Grã-Bretanha e os Estados Uni-

dos se vêem hoje expostos ao perigo mais grave de toda a sua história, ao perigo que representam as raças estrangeiras que se encontram em seu seio. Se nada for feito na Grã-Bretanha, para deter a imigração e assimilação de asiáticos e africanos, haveremos de sofrer -além do derramamento de sangue provocado por um conflito racial- a destruição biológica do povo britânico tal como existe nesta terra desde a vinda dos saxões".

Evidentemente basta uma análise superficial da atual situação européia para nos darmos conta de que as palavras de Harwood podem ser extensivas a todo o Ocidente, incluída a Rússia branca onde está demonstrado que a natalidade suicida se complementa com um incremento da taxa de natalidade nas repúblicas asiáticas.

Assim, fica bem claro que o objetivo último das fraudes que o revisionismo histórico combate não são outros que os expostos mais acima. Por isso uma obra que, além de desbaratar com provas contundentes os embustes da propaganda, não denuncie do mesmo modo os objetivos ideológicos mais profundos desta propaganda, deve considerar-se como incompleta. A este respeito muitos autores revisionistas consideram o mito do "holocausto" como uma fábula destinada a justificar a existência do estado de Israel, dando carta de legitimidade à declaração da ONU de 1948, ou possibilitando que a economia israelense se mantenha forte às custas das "reparações" que a Alemanha tem que pagar. Ainda que tudo isto seja correto, nunca se deve considerá-lo de outro modo do que um objetivo secundário. Nunca se repetirá suficientemente que o verdadeiro motivo para a manutenção do mito do "holocausto" é de índole ideológica e pretende, fundamentalmente, criar em todos os povos de estirpe ocidental um **sentimento de culpa de tal envergadura e intensidade** que os impeça de serem donos de seus próprios destinos. Evidentemente resulta lógico que as leis repressivas mais duras contra o revisionismo sejam exatamente as aplicadas na Alemanha. Na antiga Alemanha Oriental deu-se um autêntico isolamento informativo com respeito ao Ocidente, porém em ambos os casos o objetivo era o mesmo: desligar os povos da sua história, inculcando-lhes um sentimento de vergonha e repulsa pelo seu próprio passado. Trata-se de uma autêntica castração mental que impõe a repulsa instintiva a toda a forma de consciência nacional, em favor de tendências mundialistas e internacionalistas, que pouco a pouco vão ganhando terreno. É a destruição definitiva e irreversível da nacionalidade mediante a "integração" racial, ou mestiçagem. É o super estado mundial, a uniformidade total, o reino da quantidade, do homem-massa, do homem-formiga cinza, sem passado nem futuro, apto e pronto a consumir as idiotices que o sistema lhe ordena. É a escravidão do espírito pela matéria, levada a seus extremos mais degradantes e também a vergonha da própria origem e, por conseguinte, o repúdio a uma parte de si mesmo.

Isto para o povo, evidentemente. Para uma pequena elite, significa o domínio do globo e o desfrute do poder total. É o poder pelo poder: a paixão mais mortífera de

todas.

Desta maneira, a política mundial sionista, que é a principal instigadora dos problemas demográficos da Europa, é também parte interessada em manter o absurdo status no Oriente Médio, autêntico barril de pólvora sempre a ponto de explodir. De outro modo não se explica a política norte-americana de apoio incondicional ao estado de Israel, com milhares de milhões de dólares, tanto em dinheiro como em armas, que os Estados Unidos presenteiam anualmente àquela nação. Os meios de comunicação internacionais, em uma de suas características manobras de desinformação organizada, tem conseguido que as pessoas assimilem o apoio do judaísmo americano à sua autêntica pátria, Israel, aos verdadeiros interesses nacionais dos Estados Unidos, quando isto é exatamente o contrário. Não é de estranhar que os comunistas de todo o mundo creiam que atacando ao estado de Israel, atacam também a política norte-americana no Oriente Médio, atitude que se enquadra à mil maravilhas à sua típica fobia anti-americana. Neste sentido também têm conseguido enganar os árabes, principais prejudicados no eterno conflito árabe-israelense, fazendo com isso, que a política norte-americana lhes seja tão ingrata.

Evidentemente, aqueles que têm denunciado as maquinações do sionismo internacional, tanto no que se refere a sua guerra total contra o Ocidente, quanto ao descarado apoio dos judeus norte-americanos a Israel, têm sido estigmatizados com a variante mais funesta do "racismo": a do "anti-semitismo". Este termo tem se empregado indiscriminadamente para denegrir aos que expõem e desmascaram a funesta política sionista. Temos de concluir, portanto, que a manutenção do mito dos seis milhões interessa ao judaísmo internacional na mesma medida em que o subtrai de toda crítica.

Pelo anteriormente visto, deve-se ter bem claro que sempre é o fundamento ideológico o que prima em todo este assunto. Os pagamentos de "reparações" a Israel, o subjugamento do povo alemão, assim como outros fatores circunstanciais devem entender-se sempre com conseqüências lógicas de uma verdade essencial. Esta não é outra que a existência de um clima mental tendente à aniquilação das defesas nacionais dos povos, para favorecer os planos sionistas de conquista e hegemonia mundial. Trata-se, em definitivo, de suprimir o direito à nacionalidade a todos os povos da terra para afirmar a própria nacionalidade, a judia, ou, se se preferir, estamos diante de um nacionalismo negativo. Assim, a luta pela manutenção do mito dos seis milhões se leva a cabo em meio de uma repressão crescente e brutal, uma vez que os interesses em jogo são demasiadamente grandes. A história dessa repressão é também a história do revisionismo do pós-guerra. E isto é o que vamos examinar nas páginas seguintes.

Breve História do Revisionismo

Para encontrarmos os primeiros antecedentes do revisionismo histórico teremos que nos remontar à época imediatamente posterior ao final da Segunda Guerra, quando determinadas pessoas, pertencentes às nacionalidades do lado vencedor, começaram a denunciar acontecimentos que diferiam do que era apresentado pela imprensa mundial. Existem vários exemplos dignos de menção. **Francis Parker Jockey** era funcionário nos tribunais militares aliados que em Wiesbaden julgavam nazistas de escalões inferiores, ao mesmo tempo em que **Charles F. Wennerstrum** presidia o Caso Nº 7 do Tribunal Militar de Nuremberg (caso USA contra List), o qual julgava os nazistas do primeiro escalão. Jockey, apesar de ter se salientado publicamente por conseqüência de suas idéias políticas ficou mais conhecido através de sua obra intitulada "**Imperium**". Em 1952 o Departamento de Estado recusou renovar-lhe o passaporte ao mesmo tempo em que o FBI o vigiava estreitamente. Jockey morreu em 17 de junho de 1960 e a rádio anunciou que se havia suicidado, ingerindo cianureto. Não houve autópsia, apesar das exigências da lei e as causas da sua morte permanecem no campo das conjecturas até os dias de hoje. De sua parte, o juiz Wennerstrum se pronunciou da seguinte maneira, após ditar uma sentença:

"...se eu tivesse sabido há sete meses o que sei agora, jamais teria vindo para cá".

Obviamente a vitória em uma guerra qualquer não é o melhor juiz de culpas por crimes de guerra. Diga-se o que quiser, é impossível convencer a defesa, o seu conselho e a todo seu povo de que o tribunal trata de representar melhor a humanidade inteira do que ao país que designou seus membros. O que eu disse a respeito do caráter nacionalista dos tribunais é válido para a acusação. Os elevados ideais que se disse haverem motivado a criação destes tribunais não se vêem por nenhum lado.

O fiscal não conseguiu manter por convicção a objetividade longe da vingança e das ambições pessoais. Não houve nenhum esforço no sentido de apresentar precedentes que possam ajudar o mundo a evitar novas guerras. Nada nesta atmosfera é saudável.

...deveria ir a Nuremberg. Veria um palácio de justiça onde noventa por cento das pessoas tem interesses dentro da acusação." (Chicago Tribune 23/2/48)

Como se pode ver, ambos expressaram sua mais profunda repulsa pelo que estava ocorrendo dentro do mecanismo jurídico do exército americano. Ainda assim, nenhum deles constitui-se em um caso isolado, pois durante a época de guerra, e inclusive depois, houveram numerosas pessoas conscientes da constante manipulação informativa de sua época.

O mesmo "Julgamento de Nuremberg" motiva também um professor francês a

contestar, com provas fundamentadas e irrefutáveis, os objetivos e os métodos maquiavélicos e absurdamente ilegais, além de imorais, daquele tribunal militar: **Maurice Bardèche**, professor de literatura das universidades de Sorbonne e Lille, publica seu memorável "**Nuremberg ou la Terre Promise**" (Nuremberg ou a Terra Prometida), em 1947, em plena orgia de perseguições e assassinatos que estremeçam a Europa ainda sangrando e já sob o domínio de uma Nova Ordem, sanguinária, vingativa e implacável. O livro do intrépido Bardèche serviu de exemplo e primeiro impulso ao crescente número de historiadores e investigadores das mais diversas procedências e tendências que, após meio século de lutas, nas mais difíceis condições, lograram demonstrar a farsa montada pela ideologia vencedora, com a intenção de eternizar suas calúnias e justificar os únicos e verdadeiros crimes contra a humanidade executados antes, durante e depois da Segunda Guerra Mundial.

O livro de Maurice Bardèche foi proibido na França e seu autor encarcerado a mando dos eternos donos da verdade. A inacreditável impostura de Nuremberg foi dissecada implacavelmente por este francês de Dun-Le-Roy, destemido pioneiro da desmitificação da Mentira do Século.

Agora bem: o primeiro **testemunho** por escrito que podemos chamar de "revisionista", dentro da concepção moderna do termo, aparece no ano de 1948. A obra se chama "**Passage de la Ligne**" e seu autor é o francês **Paul Rassinier**. Podemos afirmar que Rassinier é, sem sombra de dúvidas, o pioneiro do movimento revisionista mundial. Contrariamente ao que muitos neófitos do revisionismo podem pensar, Rassinier constitui o clássico exemplo de autor que não simpatiza com as idéias do lado perdedor da Segunda Guerra. Membro do partido comunista francês em 1922, militou desde 1934 no Partido Socialista Francês, seção francesa da Internacional Operária. Tomou parte na mítica **resistência** francesa, dentro do grupo "Libération Nord". Foi detido pelos alemães em 1943 e em conseqüência de ferimentos de guerra ficou 90% inválido. No seu livro anteriormente mencionado, narra suas experiências como político de esquerda recluso nos campos de concentração de Dora e Buchenwald, nos quais foi "geralmente acolhido com simpatia, provocando somente em determinados lugares surdos e inconclusos rangidos de dentes" (sic). Em 1950 Rassinier publica "**La Menssogne d'Ulysse**" (A Mentira de Ulisses), uma crítica de toda literatura concentracionária daquela época, onde questiona seriamente a existência da câmaras de gás, ainda que não expresse nenhum veredito definitivo: "**É ainda muito cedo para pronunciar um juízo definitivo sobre as câmaras de gás**".

Já naqueles anos a perseguição do revisionismo, com laivos de legalidade, começava a criar forças e o livro anterior levantou uma violenta campanha da imprensa seguida de ações legais contra o autor, o autor do prólogo e o editor. Num primeiro momento foram absolvidos, em seguida condenados a multas, danos e prejuízos e sentenças de prisão suspensas e por último, absolvidos. Em 1955 ambos livros são

incluídos no que seria a segunda edição de "La Menssogne d'Ulysse" e em 1961 a quinta edição do mesmo livro inclui um opúsculo intitulado "**Ulysse Trahi pour les Siens**" (Ulisses traído pelos Seus) que consiste em três ensaios nos quais se pronuncia contra a existência das famosas câmaras de gás. O último dos três ensaios é um discurso pronunciado em várias cidades austríacas e alemãs, no início da primavera de 1960. Dois anos após aparece seu sensacional "**Le Véritable Proces Eichmann**" (O Verdadeiro Processo Eichmann) no qual analisa todos os supostos crimes alemães. Desta feita sua conclusão a respeito das câmaras de gás não poderia ser mais concreta: "**uma mentira histórica, a maior e mais macabra impostura de todos os tempos**". O estudo de Rassinier abordado neste livro pode entender-se sob uma dupla perspectiva. Ainda que realize um estudo bastante exaustivo, baseados em dados que apareciam em documentos e nos meios de comunicação, o enfoque demográfico da questão está ainda dando os seus primeiros passos. Somente em 1964 se estudaria dito aspecto em todos os seus detalhes em "**Le Drame des Juifs Européens**" (O Drama dos Judeus Europeus). Sua análise o leva a afirmar que por volta de 900.000 judeus teriam morrido durante a Segunda Guerra, pelas mais diversas causas (por enfermidades, pela guerra propriamente e também pela "política nazista"). Em 1965 aparece sua última obra "**L'Opération Vicaire**" (A Operação Vigário), uma crítica à obra teatral de Rolf Hochhuth, "O Vigário". Em julho de 1967 Rassinier morre deixando atrás de si não somente uma extensa bibliografia, senão também uma obra que transmite coerência e o profundo amor pela verdade deste destemido pioneiro.

Porém não só na França aparecem autores que questionam a mitologia da Segunda Guerra Mundial. Também nos anos sessenta, o autor judeu alemão **Josef Ginsburg** publica três livros cujas teses se opõem à pretensa "verdade histórica". Em 1962 Ginsburg publica sua obra "**Schuld und Schicksal**" (Culpa e Complexo) sob o pseudônimo de J. G. Burg. Posteriormente, em 1967 e 1968 aparecem "**Sündenböcke**" (Bode Expiatório) e "**NS Verbrechen**" (Crimes NS). Seus livros apresentam o inconveniente de basear-se no que tinha lido em revistas e jornais e em suas experiências como judeu deportado aos territórios orientais, ocupados por judeus e romenos. Sua vantagem consiste, por sua vez, em se tratar de um testemunho de primeira mão. Acredita que a guerra e a política nazista causaram a morte de muitos judeus porém, não corrobora a opinião de que os alemães planejaram o extermínio. Segundo Ginsburg, a cifra de judeus mortos se situa, no máximo, em torno de três milhões porém, em realidade, deverá ser muito menor. Depois da guerra Ginsburg foi para Israel, porém lá se converteu em anti-sionista convicto, voltando para a Europa com sua família, montando em Munique, Alemanha, uma oficina de encadernação. Deve ser destacado que, como prêmio por dar a conhecimento a verdade, Ginsburg, um já débil ancião, recebeu uma terrível surra de seus correligionários, em um dia em que visitava a tumba de sua esposa no cemitério judeu de Munique.

Ainda que possa parecer surpreendente, Ginsburg não é o único caso de um judeu que se opõe às teses oficiais do sistema: **Roger Dommerque**, membro de uma das mais ilustres famílias da França e professor de psicologia na Universidade de Sorbonne durante trinta anos, já expôs numerosas vezes em livros e artigos, em inglês e francês, suas devastadoras críticas ao marxismo, ao capitalismo e às maquinações dos banqueiros judeus. Inclusive tem resultado muito clara sua denúncia do "holocausto", chegando a justificar a tomada do poder pelo nacional-socialismo na Alemanha.

Em 1968 apareceu nos Estados Unidos a nova edição corrigida de "**Advance to Barbarism**", escrito pelo advogado e historiador britânico F.J.P. Veale, sobre o mito da extraordinária crueldade nazista comparada com a das democracias.

Um ano depois, também nos Estados Unidos, surge "**O Mito dos Seis Milhões**", obra anônima de qualidade medíocre. A primeira edição em espanhol apareceu em outubro de 1983 e deve ser compreendida como um dos primeiros intentos revisionistas nos Estados Unidos, iniciado por **Harry Elmer Barnes** cujo panfleto "**Blasting the Historical Blackout**" (Rompendo o Silêncio Histórico), se enquadra dentro de uma perspectiva mais extensa do que o simples estudo sobre os supostos crimes de guerra, tratando-se mais de uma análise da situação do revisionismo do passado e das teses revisionistas em geral.

Nos Anos Setenta

As obras mais importantes dos anos setenta apareceram na metade desta década. Como antecipação, em Munique em 1973, **Emil Aretz** publica um livro intitulado "**Hexen Einmal Eins einer Lüge**" (A tábua de multiplicação da Bruxas é uma farsa). O conteúdo deste livro é mais uma defesa generalizada da nação alemã e a respeito dos supostos crimes diz pouca coisa a mais do que Rassinier. Naquele mesmo ano se publica uma obra trascendental dentro do revisionismo histórico, principalmente pelas repercussões que teria no futuro: "**Die Auschwitz Lüge**" (A Mentira de Auschwitz), escrita pelo agricultor alemão **Thies Christophersen**. Ele havia sido soldado do exército do Reich e várias vezes durante a guerra teve oportunidade de visitar Auschwitz. É portanto uma testemunha ocular. O autor já havia sido condenado a quatro meses de prisão pela publicação em alemão do livro "Nós os Racistas" e igualmente havia tido problemas com as autoridades suíças e italianas, quando estas impediram as reuniões, em seus respectivos países, do grupo dirigente da revista "Die Bauernschaft", editada por Christophersen. A publicação de "A Mentira de Auschwitz" o obrigou-o a exilar-se em outubro de 1982 após ser condenado a 18 meses de cárcere. Após uma irregular e ilegal expulsão da Bélgica, atualmente reside exilado na Dinamarca.

Como complemento à obra de Christophersen apareceu em 1974, na Inglaterra, o

livreto intitulado "**Did Six Million Really Died?**" (Morreram Realmente Seis Milhões?), sob o pseudônimo de **Richard Harwood**. Seu verdadeiro autor é um graduado em história da arte pela Universidade de Londres chamado **Richard Verrall**. Sob o mesmo pseudônimo, **David McCalden** publica em 1976 seu panfleto "**Nuremberg e outros Processos Criminais de Guerra: uma Nova Visão**". A primeira obra foi traduzida para o francês, alemão, sueco, espanhol, holandês, afrikaaner, italiano, grego e finlandês. No Canadá e na Alemanha está proibida, assim como na África do Sul, onde foi mudado seu título com a intenção de burlar a proibição. Seu valor reside no seu grande poder de convicção, assim como em sua capacidade de síntese e na análise da questão ideológica embutida neste tema.

Três anos depois, em maio de 1977, apareceu nos Estados Unidos a primeira edição de "**The Hoax of the 20th. Century**" (A Mentira do Século Vinte) do engenheiro norte-americano **Arthur Butz**. Esta obra é um dos mais minuciosos estudos históricos sobre o tema das supostas câmaras de gás. Alcança grande fama nos restritos círculos revisionistas daqueles anos e até fevereiro de 1983 venderia seis edições nos Estados Unidos. Em setembro do ano seguinte **Wilhelm Stäglich** denuncia publicamente os processos contra os crimes nazistas e a gigantesca fraude histórica perpetrada com o campo de concentração de Auschwitz. Mesmo que o Estado tenha cortado 20 por cento da sua aposentadoria, em dezembro do mesmo ano publicou sua obra definitiva, um estudo de 447 páginas intitulado "**Der Auschwitz Mythos**" (O Mito de Auschwitz), cuja primeira edição aparece nos Estados Unidos em dezembro de 1986. Em dezembro de 1980 Stäglich teve que pagar uma multa de 6.000 marcos por "ofensas contra os judeus".

Ao Norte dos Pirineus

O revisionismo histórico foi estendendo-se rapidamente por todo mundo e em janeiro de 1978 chegou à França: o professor **Robert Faurisson**, da Universidade de Lyon-2, denuncia publicamente a fraude das câmaras de gás, causando um tremendo alvoroço que aumenta ainda mais quando, em junho do mesmo ano, em um muito bem elaborado artigo na revista "**Defense de l'Occident**", afirma conceitos semelhantes. A partir de então passou a publicar numerosas obras e artigos sobre o tema, ignorando a violentíssima campanha que se encetou contra ele e que, somente no ano de 1981, lhe trouxe quatro juízos, multas no valor de 500 mil dólares, quatro meses de cárcere e a expulsão de seu emprego. Desde 1978 ficou proibido de ensinar literatura francesa e de ter acesso aos arquivos da Universidade de Lyon, apesar da opinião do reitor daquela universidade, que declarou que "Faurisson é inatacável, não cometeu nenhuma falta profissional nem se dedicou a ensinar a seus alunos suas teorias sobre câmaras de gás". O caso de Robert Faurisson é o típico caso de delito de opinião, quando há castigo mesmo quando os tribunais sempre admitiram não ter

nem autoridade nem conhecimentos para pronunciar-se sobre o tema histórico em debate, além de nenhum se atrever a dizer que Faurisson seria um embusteiro ou um vigarista, uma vez que nenhum tribunal decidiu sobre a existência ou não das câmaras de gás. No verão de 1982 o "**Journal of Historical Review**", dos Estados Unidos, publica um artigo de Faurisson intitulado "**Será Verdadeiro o Diário de Anne Frank?**" (Quem escreveu o Diário de Anne Frank?, Revisão Editora, Brasil). Trata-se de um minucioso estudo no qual o autor francês, especialista e profissional em crítica de textos históricos, depois de numerosas entrevistas com supostas "testemunhas oculares" se vê obrigado a concluir que o famoso diário de Anne Frank "é somente uma simples fraude literária". O artigo, assim como foi publicado em 1978, foi enviado, traduzido para o alemão, ao juiz Jurgen Rieger, advogado defensor de Ernst Romer que havia sido conduzido aos tribunais sob a acusação de pôr em dúvida a autenticidade do conhecido "diário". O juízo foi adiado "sine die", o que constituiu um êxito para o revisionismo, dado a maneira como sempre acabam todos estes juízos e tendo-se em conta, também, que o governo federal alemão, especificamente neste juízo, e pela boca do próprio chanceler Helmut Schmidt, se havia pronunciado fortemente a favor da autenticidade do diário.

Seguindo a rota revisionista, em abril de 1979 tocou a vez à Espanha: do outro lado dos Pirineus aparece a primeira edição de "**El Mito de los Seis Millones**", obra do historiador revisionista espanhol **Joaquim Bochaca**. Sua temática, aliás, é muito didática para quem quiser se iniciar no tema e de certa forma, abarca toda a questão de uma forma genérica, insistindo na perspectiva política do assunto, detalhe fundamental e que poucos autores enfocam devidamente. Esta obra, parte de uma extensa bibliografia, foi complementada magistralmente com "**Los Crímenes de los Buenos**", que constitui uma análise geral sobre os crimes do lado vencedor assim como novo juízo sobre a culpa no desencadeamento do último conflito mundial.

No ano seguinte, novamente nos Estados Unidos, aparece outro livro de grande transcendência. Trata-se de "**The Dissolution of the Eastern Jewry**" (A Dissolução do Judaísmo Oriental) de **Walter Sanning**. Trata-se, sem a menor dúvida, do melhor e mais extenso estudo demográfico sobre os judeus na Europa Oriental.

A Serviço da Verdade

Nos anos oitenta o revisionismo dá um grande passo à frente, ao deixar de ser uma simples bibliografia para converter-se em uma instituição. Com essa idéia nasceu em 1979 nos Estados Unidos, o **Institute for Historical Review (IHR)** que passa a ser o maior centro mundial revisionista. Seus fundadores, muitos dos quais pacifistas, crêem que a melhor maneira de evitar guerras é conhecer as causas que as provocam. Sua intenção é "pôr de de acordo a História e os feitos". Atendendo a estes princípios

o IHR criou o **Journal of Historical Review** e o **IHR Newsletters**. Tem sido também patrocinador de conferências internacionais de autores revisionistas do mundo inteiro. Por tudo isso e principalmente por sua crescente relevância, em 4 de julho de 1984, festa de independência dos Estados Unidos, foi completamente destruído por um atentado criminoso. Mesmo que Irvin Rubin (chefe da Liga de Defesa Judia) convoque uma conferência de imprensa, afirmando que conhecia o autor do atentado -um certo Larry Winston, membro da polícia de Los Angeles- e aplaudindo o atentado, a polícia federal não intervém e, mais ainda, no informe anual que o FBI realiza sobre o terrorismo dentro das fronteiras dos Estados Unidos, nem sequer se alude ao atentado contra o IHR. Apesar do tremendo revés, já no ano seguinte, entre os dias 16 e 19 de fevereiro de 1985, tem lugar a Sexta Conferência Internacional Revisionista, dedicada desta vez ao pioneiro do revisionismo, Harry Elmer Barnes. Tratou-se desde a política estalinista de fome na Ucrânia, até o "juízos por sedição", de Roosevelt, nos anos 40. De acordo com as declarações do próprio diretor do IHR, **Tom Marcellus**, os organizadores consideraram a conferência um êxito.

Na primavera de 1986 tem lugar a Sétima Conferência Internacional Revisionista, desta vez dedicada ao anteriormente mencionado **F.J.P. Veale**. Os temas tratados começam com uma exposição sobre o movimento legionário romeno, a cargo do exilado Dr. **Alexandre Ronnett**. A esta se seguem "O Futuro da África do Sul" a cargo do inglês **Donald Martin**, "Abraham Lincoln e as Origens da Guerra Civil", por **Sam Dickson**, uma conferência sobre Tito, do historiador croata **Ivo Omrcanin**, autor de quinze livros e quarenta artigos em sete idiomas, "Quais são as verdadeiras Origens da Segunda Guerra Mundial?" pelo alemão Dr. **Georg Franz-Willing** e por último, a exposição de **Ted O'Keefe**, a respeito das conexões entre o "Office of Special Investigation" e a polícia secreta soviética, abordando o tema da deportação de cidadãos americanos para a URSS sob acusações de "crimes de guerra". Evidentemente se falou do "holocausto", sendo este o tema que desperta maior interesse.

Em 1987 é o próprio Departamento de Estado Americano que tenta boicotar a Oitava Conferência Internacional Revisionista, negando os vistos de entrada aos três principais conferencistas: o economista argentino licenciado em Harvard, **Walter Beveraggi-Allende**, o alemão naturalizado canadense **Ernst Zündel**, cujos escritos sobre a Segunda Guerra Mundial e a política internacional posterior tem lhe valido uma encarniçada luta legal com o "establishment" canadense, além do escritor e analista político sulafricano **Ivor Benson**. Todos já tinha entrado numerosamente nos Estados Unidos. Inclusive o Dr. Beveraggi-Allende tem uma filha vivendo nos Estados Unidos. Por sorte dois dos assistentes mais importantes conseguiram escapar da trampa do Departamento de Estado. Foram **Henri Roques** e o já mencionado **Robert Faurisson**. A conferência foi dedicada a **Austin App**, pioneiro do revisionismo atual, sendo também recordado **François Duprat**, historiador francês assassinado com um carro bomba em 18 de março de 1978 pelo autodenominado "Comando

(sionista) de Recordação. Como conferencistas participaram também o general alemão **Otto Remer**, que discorreu sobre o atentado de 20 de julho de 1944 contra Hitler; **Bradley Smith**, encarregado do projeto de organizar uma rádio revisionista e autor do livro "**Confessions of a Revisionist Historian**" no qual narra suas aventuras dentro do mundo revisionista, além do Dr. **Karl Otto Braun**, diplomata alemão aposentado que revelou as entreteias da rede de espionagem do mundialmente famoso espião Richard Sorge, a quem conheceu pessoalmente durante sua missão diplomática no Japão.

Até o dia de hoje não se celebraram mais conferências, porém deve-se ressaltar que quase nenhum periódico ou outro meio de comunicação de importância nacional ou internacional, notificou nenhuma das conferências, apesar dos esforços e artimanhas realizados a partir das mais altas esferas oficiais para impedir a realização livre e sem empecilhos de todos os congressos revisionistas.

Acreditamos que tenha ficado suficientemente claro que o revisionismo é um movimento mundial que, independente da ideologia política de seus participantes, luta para fazer-se escutar no meio de um cenário francamente hostil. Até que ponto este cenário é hostil sabem-no, melhor do que ninguém, os próprios revisionistas e por isso seria melhor que eles próprios contassem isso de viva voz. Por este motivo julgo necessário incluir uma epígrafe que fale da repressão organizada e sem tréguas, que em todo mundo atinge o revisionismo histórico.

A Repressão

Talvez surpanda ao leitor que em uma época em que tanto se fala e debate sobre a liberdade de expressão, a repressão a dissidentes dentro de países, que se consideram paladinos da liberdade e dos direitos humanos, ainda seja uma faceta escura e vergonhosamente presente. Pois isso é precisamente o que iremos contar nas próximas linhas: a história de como o sistema faz calar aos verdadeiros dissidentes, e não aqueles cujas diferenças ideológicas com seus respectivos governos se tenham integrado dentro da dinâmica que marca este mesmo sistema.

Em primeiro lugar é preciso especificar que a repressão do revisionismo não é um fenômeno isolado dentro da política contemporânea, mas sim uma luta encarniçada para sustentar um "establishment" cujos fundamentos balançam violentamente. Durante a Segunda Guerra Mundial, nos países aliados se encarceravam aqueles que não concordassem com a idéia de que a aliança das chamadas democracias ocidentais, com o imperialismo soviético, fosse precisamente a melhor das escolhas. A instauração do decreto Regulação 18-b na Inglaterra e os "juízos por sedição" nos Estados Unidos durante os anos quarenta são bons exemplos disso. Comprendemos que o tempo de guerra exige uma legislação distinta à dos tempos de paz e que

durante a guerra se levam a cabo, legalmente, ações que só nesta situação seriam possíveis. Apesar disso, nos opomos sem concessões ao posicionamento de que o mesmo tipo de censura e perseguição encarnizada se exerça em tempos de paz, décadas depois de finalizada a contenda que as originou. As paixões inflamadas que desperta o tema da Segunda Guerra deixam bem patente que se tratou de um conflito ideológico ainda não resolvido, principalmente por continuarem subsistindo as mesmas contradições que o provocaram. De outra maneira seria inexplicável que meio século após o término do último grande conflito mundial, se continue fazendo "propaganda de guerra" em livros e em filmes, cujo caráter infantil e maniqueísta deveria ficar bem claro aos olhos de todos. Igualmente deveria parecer inexplicável que o Departamento de Estado dos Estados Unidos despoje de seus direitos constitucionais a cidadãos octogenários para deportá-los para uma morte certa, a países em que as garantias para a celebração de um juízo justo são nulas (casos Artukovic e Demjamjuk), tudo agravado pela ilegalidade e turbidez destes juízos, camuflados por uma atmosfera de histeria coletiva e irracionalidade fomentada, obediente e organizadamente, pelos meios de comunicação a nível mundial.

Paul Rassinier sofreu juízos e perseguições por "expressar-livremente-suas-ideias" e inclusive, o que é mais inusitado, unicamente pelo feito de tentar formar uma opinião. Sempre se aprendeu que alguém poderia ser censurado pelo que efetivamente tenha falado ou feito, mas jamais pelo que **pudesse vir a dizer, fazer ou pensar**. Porém tão surpreendente acontecimento teve lugar quando o próprio governo alemão-ocidental negou a Rassinier o visto de entrada no país para assistir, como observador, ao circo organizado em torno do juízo dos guardas do campo de concentração de Auschwitz em 1964. Certamente o "histórico delituoso" de Rassinier começou 14 anos antes quando, em 1950, publicou "**Le Mensogne d'Ulysse**". Nesta obra somente questionava a existência das câmaras de gás, afirmando que ainda era "demasiado cedo para emitir um juízo definitivo". A frase, representativa do espírito geral do livro, se destaca pela sua franqueza em termos mais positivos, porém somente isso bastou para desencadear uma violenta campanha de imprensa, assim como ações legais contra o escritor, o autor do prólogo e o próprio editor, que culminaram em multas e sentenças de prisão suspensas, apesar de que ao final, foram absolvidos. Outrossim, a sanha contra Rassinier alcançaria contornos violentíssimos, culminando com a sua expulsão da Assembléia Nacional Francesa sob a pressão dos comunistas.

A história de Rassinier é a história de todos aqueles que se atreveram a denunciar a verdade oficial. Assim, em 1959, um professor de Hamburgo, **Lothar Stileau**, foi alvo de demanda por Otto Frank, pai da famosa Anne Frank, por expressar certas dúvidas sobre a autenticidade do tão conhecido diário. O professor Stileau foi expulso do seu trabalho além de condenado a pagar uma multa e pedir desculpas por escrito ao senhor Frank. É importante destacar que, apesar de ser a sentença favorável ao

senhor Frank, quando em março de 1977 foi entrevistado pelo professor Faurisson, Frank ocultou deliberadamente alguns itens de interesse (como, por exemplo, a existência de uma terceira peritagem nos textos), os quais foram incluídos no demolidor livreto de Faurisson "**Quem Escreveu o Diário de Anne Frank?**". Como dissemos anteriormente, este livreto foi enviado em agosto de 1978 ao juiz Jurgen Rieger, defensor, ante um tribunal de Hamburgo, de Ernst Romer, o qual, igual que Stileau, sofreu demanda judicial por expressar publicamente suas dúvidas sobre a autenticidade do referido diário.

Anos depois, em 18 de março de 1978, ocorreu um dos acontecimentos mais terríveis envolvendo o revisionismo. O professor **François Duprat**, membro do conselho político da Frente Nacional e responsável pela difusão na França de uma série de estudos negando o "holocausto", foi assassinado em um atentado por bomba, instalada em seu automóvel por um certo "Comando da Recordação", exatamente quando se estava preparando para lançar um livro sobre a temática do "holocausto". A sanha sionista alcançaria inclusive aos judeus que, por sua honestidade intelectual, se destacaram na denúncia das fraudes dos manipuladores da história. O já mencionado Josef Burg pagou por preservar sua decência com o ostracismo e a calúnia. Além de ser expulso da Sociedade Cultural Judia de Munique, sofreu atentado físico quando se dirigia a visitar a tumba de sua esposa. Como se ainda fosse pouco, lideraram um boicote contra seus livros e contra as livrarias que os vendiam.

Um caso similar é o de **Aldo Dami**, meio-judeu, casado com uma judia e ex-cativo dos campos de concentração. Teve que sofrer em silêncio o boicote a sua obra "**Le Dernier des Gibelins**" na qual afirmava que o número de judeus mortos, por todas as causas, durante a Segunda Guerra, chegaria no máximo aos 400.000. Junto a Dami, podemos mencionar **Oswald Rufeisen**, judeu a quem os alemães tinham condenado à morte por espionagem e que, depois da guerra, se converteu ao catolicismo, ingressando na Ordem do Carmelo, sob o nome de Padre Daniel Rufeisen. O estado de Israel lhe retirou a nacionalidade israelense e ele, então voltou a Europa e lá, baseando-se exclusivamente em fontes oficiais sionistas, concluiu que na pior das hipóteses, não teriam podido perecer mais de três milhões de judeus. Outros casos similares são os dos judeus Benjamin H. Freedman e o rabino Goldstein. Este último denunciou alguns exageros sionistas e foi deposto de seus cargo para, mais tarde, sofrer um atentado pelas mãos de seus próprios correligionários. Em outubro de 1978, o ex-comissário de assuntos judeus do governo de Vichy, **Louis Darquier**, conseguiu atrair a indignação da imprensa do sistema ao declarar que em Auschwitz só se gasearam piolhos; que as câmaras de gás do museu daquele campo foram construídas no pós-guerra e que as fotos de atrocidades foram adequadamente falsificadas. Foi acusado, no meio de uma atmosfera de histeria medieval, de fomentar o ressurgimento do nazismo, tudo isso acompanhado de uma extraordinária campanha "informativa".

Darquier somente escapou ao linchamento da "justiça" francesa porque já se encontrava refugiado na Espanha.

Anos depois, já na década dos oitenta, a repressão, normalmente brutal contra o revisionismo se iria acentuando cada vez mais, à medida que esta nova escola de investigadores históricos crescia em importância. Em julho de 1980 e depois de uma demanda da câmara central israelita da Bélgica, presidida pelo judeu Jean Bloch, foi encetada uma acção contra **Robert Debbaudt** por publicar o livreto "**Carta ao Papa**" do general **Leon Degrelle**, referente à visita iminente de Sua Santidade ao campo de

concentração de Auschwitz. Se invocou o artigo 123 de Código Penal -aplicado então pela primeira vez- o qual prevê três anos de prisão para qualquer pessoa que publique um texto de Leon Degrelle. Esta estranha lei se enquadra dentro da pouco conhecida "**Lex Degrelliana**" belga, que é provavelmente um dos únicos casos na história mundial de uma lei feita "sob medida". Ante a tremenda pressão Debbaudt escolhe o exílio.

Quase um ano depois, em março de 1981, o editor **Erwin Schönborn** é condenado a dois anos e oito meses de prisão por haver enviado numerosas cartas e folhetos em que dizia, entre outras coisas, que "nenhum judeu havia sido gaseado em campos de concentração alemães". Schönborn já havia sido condenado a oito meses de prisão por marchar junto com um grupo de dez pessoas, onde três delas portavam uma máscara representando um asno, juntamente com um letreiro que dizia: "Devo ser um asno, mesmo assim acredito que os judeus foram gaseados na Alemanha". Dentro do que lhe coube, ainda teve muita sorte pois um mês após sua segunda condenação, o governo federal alemão preparava um projeto de lei que endurecia a perseguição a idéias dissidentes, proibindo a simples reprodução de escritos nacional-socialistas, assim como também a sua importação. Sob esta lei o professor de ginástica dinamarquês **Paul Riis-Knudsen** foi detido em setembro de 1978 por difundir escritos nacional-socialistas...na Alemanha. Mais tarde apareceria naquele país uma lei institucionalizando o delito de opinião: a "Auschwitz Mythus Gesetz" ou "lei do mito de Auschwitz" que proíbe expressamente contradizer a versão oficial sobre o ocorrido no dito campo de concentração. Com isso, a República Federal da Alemanha torna-se um dos primeiros países a institucionalizar o **delito de opinião**. Juntamente com a Alemanha, encontra-se a França, com a "Lei Pleven" e a Dinamarca com seu artigo 266 B do Código Penal. Concretamente, na França existe o "delito de apologia de crimes de guerra" ou delitos de colaboração, assim como o "delito de provocação à discriminação, ao ódio e à violência". Sob tão pomposos títulos o sistema condena por "racismo" ou "apologia do nazismo" a todos seus dissidentes. A última nação a aderir à tão democrática medida foi o Canadá, com uma lei especial contra a "hatred propaganda" (propaganda do ódio) que entrou em vigor em dezembro de 1987 e que comentaremos mais à frente.

Contra as Cordas

O ano de 1981 se revelaria de extrema dureza para um dos principais ponta de lança do revisionismo mundial. Somente neste ano o já mencionado professor da Universidade de Lyon-2 Robert Faurisson teve que suportar quatro juízos, cujo resultado foi vários meses de cárcere, a perda do sua cátedra em Lyon e multas no valor de 3.580.000 francos. O primeiro foi interposto por Leon Poliakov, cientista e propagandista profissional judeu que demandou contra Faurisson e seu editor sob a acusação de "difamação". Faurisson em seu livro intitulado "Memória Contra os que me Acusam de Falsificar a História", acusou Poliakov de haver reproduzido em sua famosíssima obra "Breviário do Ódio", diferentes versões (todas falsas) do "Documento Gerstein" ao mesmo tempo em que o denunciava como manipulador de textos e mentiroso. Segundo Faurisson "teria tal quantidade de provas irrefutáveis que estava em condições de demonstrá-lo ante qualquer tribunal... até uma criança poderia ver isto". O fato é particularmente importante porque Poliakov é diretor do "Centro Nacional de Investigações Científicas". Ainda que a acusação tenha praticamente concordado com o fato de que o caso era indefensável, ainda que nunca tenham respondido à acusação de manipulação de textos, ainda que baixaram o nível apontando chamarem Faurisson "personagem diabólico com intenções nazistas", Poliakov ganhou o processo! O tribunal alegou que "**em pequenos detalhes poderia ignorar o rigor histórico**, sem que por isso pudesse se dizer que se tratava de um falsificador ou manipulador de textos". Dos quatro juízos, foi o único em que Faurisson esteve presente e foi condenado a pagar 12.577 francos.

Em 17 de dezembro de 1980 Faurisson pronunciou pela Rádio Europa Número 1 um comunicado de aproximadamente 60 palavras e que dizia o seguinte:

"As pretensas câmaras de gás hitlerianas e o pretense genocídio de judeus formam parte de uma mesma mentira histórica, que tem permitido uma gigantesca fraude político-financeira da qual os principais beneficiários são Israel e o sionismo internacional e da qual as principais vítimas são o povo alemão -não seus dirigentes- e todo o povo palestino".

Após a devida ação, o processo foi iniciado pela "**Amical Auschwitz**" e, apesar de que Faurisson tenha demonstrado que toda a questão das câmaras de gás é uma solene farsa...

"Eu afirmo que Nahum Goldman e David Ben Gurion (que foi presidente do estado pirata de Israel) são os que montaram e dirigiram a farsa de caráter internacional pela qual obtiveram, primeiro a fundação do estado de Israel, e depois, graças às suas relações de chantagem com Adenauer (chanceler da Alemanha Ocidental), a obtenção de enormes reparações financeiras da Alemanha a Israel e a organizações sionistas.

Em 1976 Nahum Goldman revelou em uma longa entrevista, cheia de cinismo, como eles haviam lidado com Adenauer (ver *Le Nouvel Observateur* de 25 de outubro de 1976). Como com frieza de homens de negócios (não como políticos ou reclamantes de justiça) conseguiram o dinheiro, as pressões que utilizaram, etc."

Apesar das evidências, o tribunal não mostrou interesse em verificar se o que Faurisson dizia era verdade. Na sentença simplesmente afirmou que "a simples leitura da frase de Faurisson constitui um grave atentado contra a honra dos judeus" e em conseqüência, multou-o em 3.088.599 francos.

O terceiro processo contra Faurisson foi promovido pela LICRA (Liga Contra o Racismo e o Anti-semitismo) sob a acusação de "provocação à discriminação racial, ao ódio e à violência racial" e desta feita os juízes eram os mesmos que nos dois juízos anteriores, "somente" o condenaram a pagar 419.300 francos. Todavia, o juízo que teve o desenvolvimento mais extraordinário de todos que teve de padecer o professor Faurisson, foi o iniciado em 8 de julho de 1981, promovido pela LICRA, a "Amical Auschwitz" e outras sete organizações sionistas mais. A partir da denúncia, tardou dois anos para iniciar-se e, apesar de que as referidas organizações gastassem tempo e dinheiro em busca de uma única prova sobre a existência das câmaras de gás, conseguiram unicamente apresentar um grande número de falsos testemunhos. Faurisson foi acusado oficialmente por "danos" em conseqüência de opiniões expressadas em 1979 no jornal "Le Matin" e "Le Monde", assim como por *falsificar a História*. O tribunal se declarou incompetente para julgar a questão. Não obstante, a historiadora judia e grande especialista na história da deportação, Olga Wormser Migot, escreveu a Faurisson em 7 de setembro de 1979, e ainda que em sua tese sobre as "câmaras de gás" tenha manifestado que não existiram nem em Ravensbruck, nem em Mauthausen (declaração que lhe valeu sérios problemas) em dita carta dizia:

"A História tem que esperar que o tempo permita uma análise sem a agressividade de certos problemas de horror".

Faurisson apresentou esta carta ante o tribunal como prova de que a principal especialista em história de deportação não acreditava na existência das câmaras de gás. Porém o tribunal sentenciou que o acusado "havia permitido com agilidade e concientemente, induzir terceiros a apoiar seus argumentos com a intenção de fazer apologia dos crimes de guerra e a incitação ao ódio racial". Faurisson foi condenado a pagar uma multa de 60.000 francos.

Note-se que a condenação se materializa através dos usos que terceiros possam fazer de argumentos próprios. Assombroso e ao mesmo tempo atentatório ao senso comum. Isto porém não é tudo. Em uma situação similar a do Caso Romer, anteriormente mencionado, Faurisson enviou à Alemanha Federal um informe de cinco páginas com suas conclusões a respeito de suas investigações sobre a existência das

câmaras de gás. Dito informe foi assinado diante de um notário e remetido àquele país baseando-se em afirmação do "Journal Officiel de la Republique Française", segundo o qual, uma firma legalizada na França seria também válida na Alemanha. O governo de Bonn se esquivou de cumprir a lei alegando que "Faurisson" era um pseudônimo! E da mesma maneira rechaçaram o testemunho do professor norte-americano Arthur Butz.

Mentiras e Mais Mentiras

No ano de 1985 começariam os primeiros ensaios do que ficou conhecido como o "Affaire Roques" e que acabaria tendo repercussão em toda França e, por conseqüência, em todo universo revisionista. Em 15 de junho de 1985 Henri Roques defendeu sua tese de doutorando ante um tribunal da Universidade de Nantes, demonstrando que o "Documento Gerstein" era uma falsificação. Anteriormente tinha tentado defendê-la na Sorbonne, porém o diretor de teses daquela instituição, Jacques Rougeot, devido ao caráter explosivo da temática, não conseguiu convencer o número suficiente de pessoas para formar o tribunal. Em princípios de 1985 Roques propôs ao professor de Nantes, Jean-Claude Rivière, tomar o posto de Rougeot como proponente da tese. Rivière aceitou. Formou o júri e incluiu como ajudante seu associado Thierry Buron quem, na condição de ajudante associado não teria capacidade de deliberação na hora em que o tribunal viesse a emitir o resultado de suas deliberações. Em Nantes o tribunal foi rapidamente constituído e Roques obteve a classificação "*très bien*". Ainda que de momento não venha ao caso, diremos que o senhor Buron não apareceu nem durante a defesa da tese nem durante as deliberações do tribunal.

Em outubro de 1985 a imprensa francesa e internacional foi informada a respeito da questão, aparecendo como estopim um artigo muito hostil de Georges Wellers na publicação "Mundo Judeu". Para os periodistas o filão já estava aberto e Roques foi convidado a participar de um programa na Rádio Europe 1, a primeira em audiência na França. O bando de acusadores com que Roques se defrontou carecia de argumentos para refutá-lo, porém isso não impediu que o senhor Claude Lanzman (diretor do badaladíssimo filme "Shoah" - Holocausto) o chamasse de "sujo focinho de rata" aos ouvidos de seis milhões de rádio-ouvintes. Mais adiante o "*Nouvel Observateur*" o tachou de "falsário", ao mesmo tempo que o "*Libération*" qualificava suas teses como "anti-semitas". Estas graves acusações envolveram Henri Roques numa demanda judicial contra o "*Le Nouvel Observateur*" que chegaria até a primeira câmara do tribunal de Primeira Instância de Paris. Como epílogo do caso, em julho de 1986 o ministro francês Alain Davaquet revogava a defesa da tese, após uma investigação de procedimento ordenada por ele mesmo, apesar de ser acusado por Roques de nem ter lido a tese. Curiosamente a assinatura do anteriormente mencionado senhor Thierry Buron, que não estava imbuído de capacidade de deliberação e nem se encontrava presente na apresentação da tese, figurava entre as assinaturas dos membros do tribu-

nal e, além disso... falsificada! Ainda que se pudesse ler seu nome, a letra pertencia indiscutivelmente a uma pessoa distinta. Se encontrou assim, um defeito de forma e a 2 de julho de 1986 o senhor Devaquet, ministro de França, pôde informar em conferência de imprensa sobre o feliz achado. Turvo e desqualificado assunto, como se vê. Assim mesmo Henri Roques recebeu repentinas mostras de solidariedade que dariam um súbito câmbio na questão. Em 2 de agosto, o diário "Ouest-France", um dos de maior tiragem, publicou uma longa entrevista com o historiador Michel de Bouard, ex-deportado de Mauthausen, antigo membro da resistência e comandante da Legião de Honra, na qual afirmava que "a tese é uma boa edição crítica..." assim como outras opiniões favoráveis a Roques. Mais adiante declarava "o dossiê Gerstein está podre...". Igualmente em 13 de setembro de 1986 o acadêmico Alain Decaux, no diário esquerdista "Le Matin" lhe dedicava palavras de apoio e de elogio ao seu trabalho erudito. Por último, na Suíça, uma capitã do exército helvético, Mariette Paschoud, elogiou num pequeno diário local a tese de Roques, inclusive aceitando figurar junto a ele na conferência de imprensa que este concedeu no hotel Scribe de Paris e que lhe resultou em diversos problemas com a associação "SOS Racismo". Em consequência foi aberta em Berna uma investigação para determinar as possíveis repercussões das opiniões da senhora Paschoud sobre sua carreira militar!

Perto da Verdade

Como o leitor pode ir comprovando, resultam freqüentes os processos de aparência legal contra todas aquelas pessoas que questionam a verdade oficial da História. Mesmo assim, seria em 1985 que o movimento revisionista mundial -cujo crescimento já não poderia mais ser detido- protagonizaria dois juízos, na aparência triviais, porém dos quais um alcançaria uma dimensão transcendental. Ambos ocorreram no Canadá. O primeiro, talvez o menos importante, começou em março de 1985 contra o professor de Ciências Sociais da "High School" de Eckville, Alberta, **James Keegstra**, acusado sob o artigo 218.2(2) do código criminal canadense, por "promover o ódio contra um grupo determinado", especificamente, entre os anos 1978 e 1982. O segundo processo, contra o publicitário germano-canadense Ernst Zündel, por "difundir falsa informação", ao publicar o já anteriormente mencionado livreto de Richard Harwood, intitulado "Did Six Million Really Die?". Ambos foram defendidos pelo advogado Dough Christie.

O primeiro acusado, James Keegstra, exerceu o ofício de professor durante vinte anos. Se tratava de um homem muito religioso e de moral inatacável. Como consequência das acusações sobre ele jogadas, foi despedido de seu trabalho ao mesmo tempo em que o Ministério de Educação caçou sua licença de professor, além de sofrer pressões de índole pessoal, violência física e ataques a seus filhos. Segundo a própria lei canadense, não se incita ao ódio quando as afirmações se realizam de

boa fé e por meios honestos, se o dito tem interesse e importância para o público, ou se for feito com a intenção de suprimir o ódio entre distintos grupos. Por isso a acusação tentou demonstrar que os anti-sionistas odeiam visceralmente a todos os judeus e com esta intenção o juiz togado Larry Phillippe chamou o testemunho de vinte antigos alunos para que, publicamente, lessem os apontamentos tomados durante as aulas ministradas pelo acusado. A aluna Holly French declarou que ainda que o dito em aula demonstrava a existência de uma conspiração judia, ela não odiava os judeus e, ademais, os apontamentos somente faziam referências aos sionistas. De igual maneira o aluno de vinte anos, Danny Desrosiers, declarou ao tribunal que das notas tomadas de depreendia que nem todos os judeus conheciam a conspiração. Meses mais tarde a aluna Gwen Mathews descreveu Keegstra como "honesto, aberto... nada falso... muito inteligente e com uma grande consciência social". O professor Dave Hoeksma, substituto de Keegstra na mesma instituição, declarou que não lhe agradava a expulsão e que o colega era muito popular entre os alunos. Apesar de todos estes testemunhos, Keegstra acabou sendo condenado, apesar de em nenhum momento do processo ter sido explicitado o que teria dito que pudesse incitar ao ódio ou que fosse uma falsidade.

Paralelamente ao juízo de Keegstra, Ernst Zündel é julgado sob a seção 177 do código criminal canadense por "difundir falsa informação, prejudicial ao interesse público racial e à tolerância comunitária". O processo durou sete semanas e se converteu no centro de atenção dos revisionistas do mundo inteiro. Nenhuma outra pessoa havia conseguido anteriormente alistar para sua causa tal número de *experts*, do mundo inteiro, em matérias tão diversas e de tão diversos pontos de vista políticos e ideológicos. Apesar de tudo, no primeiro intento Zündel foi condenado a quinze meses de prisão. Sua defesa apelou e devido a graves erros legais no procedimento e também à publicidade conseguida pelos seguidores do acusado, o tribunal de apelação de Ontário começa novo processo sob as mesmas acusações em 18 de janeiro de 1988. Este processo seria concluído em 11 de maio com a condenação de Zündel a nove meses de prisão por difundir conscientemente falsa informação. Não obstante foi lhe concedido o recurso da fiança depois de assinar um documento comprometendo-se a não falar ou escrever nada sobre o "holocausto" até a finalização do processo de apelação. Para completar, o governo canadense levou a cabo pressões com o fim de expulsar Zündel do Canadá, devido à sua condição de imigrante, antes que se chegasse à leitura da apelação. Ao longo do segundo processo a acusação chamou a testemunhar membros de organizações maçônicas os quais, segundo o cronista do diário norte-americano "*The Spotlight*", Michel Hoffman II, eram muito freqüentes na sala. Do lado de fora, grupos provocadores da organização sionista ADL, cuja tenebrosa história excede os limites deste livreto, tentam agredir Zündel e seus guarda-costas na entrada do tribunal. Frente à sua casa se ajuntam fanáticos sionistas proferindo ameaças, tanto verbais como telefônicas, ou através de cartas. O ambiente torna-se de extrema

tensão. Pela acusação depõe Raoul Hilberg, autor da famosíssima obra "A Destruição dos Judeus Europeus", pilar de sustentação dos mantedores da fraude, o qual cita o completamente desprestigiado "Documento Gerstein", o qual já havia sido refutado como prova pelo próprio tribunal de Nuremberg... Ao mesmo tempo a equipe de investigações do professor Faurisson, que iria testemunhar a favor de Zündel, não obtém permissão para fazê-lo! Nos dias 3 e 4 de fevereiro de 1988 o professor Faurisson se encontra em Boston com **Fred A. Leuchter**, um engenheiro de 45 anos residente naquela cidade e *expert* no desenho e fabricação de instrumental de execução utilizado nos Estados Unidos. Entre seus principais projetos está o desenho da nova câmara de gás da penitenciária estatal de Missouri. Depois de regressar ao Canadá, Zündel solicita ao professor Faurisson que peça ao engenheiro Fred Leuchter uma peritagem de especialista sobre as supostas câmaras de gás de Auschwitz, Birkenau e Majdanek.

A Prova Definitiva

Leuchter aceitou o pedido e depois de passar em Toronto durante um fim de semana, revisando fotografias aéreas tomadas durante a guerra, assim como planos dos crematórios e das pretendidas câmaras de gás, documentos relativos ao famoso Zyklon B e diapositivos fotografados pelo investigador suíço **Ditlieb Felderer**, no dia 25 de fevereiro de 1988 Leuchter viajou para a Polónia juntamente com sua esposa Carolyn e uma equipe de colaboradores. Regressou no dia 3 de março de 1988.

O informe apresentado compreende 192 páginas, incluindo os apêndices, e suas conclusões não deixam lugar a dúvidas: "não houve câmaras de gás de execução em Auschwitz, Birkenau e Majdanek e as pretendidas câmaras de gás que existem lá não poderiam ter sido, nem naquela época nem hoje, utilizadas ou seriamente consideradas para funcionar como câmaras de gás de execução".

Nos dias 20 e 21 de abril de 1988 Fred A. Leuchter testemunhou em Toronto. Primeiro respondeu às perguntas dos advogados de Zündel, **Dough Christie** suas ajudantes Keltie Zubko e Barbara Kulaszka e logo foi submetido à inquirição do acusador John Pearson e sua equipe, na qual haviam numerosos conselheiros judeus, sentados justamente atrás dele. Junto com o professor Faurisson, também presente na sala, estava uma equipe de *experts* revisionistas, entre os quais se encontrava **William Lindsey**, chefe de investigação química da Dupont Corporation até sua aposentadoria em 1985. Depois de Fred Leuchter testemunhou o Dr. **James Roth** (Ph.D. pela Universidade de Cornell), gerente dos laboratórios de análises Alpha de Ashland, Massachussets, o qual declarou que a análise das amostras de solo, paredes e outras estruturas, tomadas do interior das pretendidas câmaras, revelava a ausência de restos de cianureto. Era o fim da maior farsa de todos os tempos. A ciência havia

apresentado uma prova definitiva, uma prova científica, acerca da impossibilidade material daquilo que vinha sendo repetido durante tantos anos. Não se gaseou ninguém em Auschwitz, nem em outros campos alemães. Como afirmou o Dr. Wilhelm Stäglich "a tese do extermínio se mantém ou cai com a afirmação de que Auschwitz era uma 'fábrica da morte'". Palavras semelhantes poderemos ler em "A Fábula do Holocausto", do Dr. Arthur Butz. Porém a **impossibilidade de vitória naquele julgamento procedia do campo da ideologia e da política**: não estava dentro do ideologicamente factível que Zündel ganhasse o processo. A história se repete e no final do julgamento Ernst Zündel, num tom absolutamente heróico, declara que o processo "valeu a pena" porque nele se assentaram as bases científicas para a destruição da fraude e tenha servido a que David Irving, número um dos historiadores em língua inglesa e figura de renome mundial, declare que o "Documento Leuchter" é um documento "demolidor", mudando assim de idéia a respeito da veracidade do "holocausto". Uma nova batalha tinha sido travada e desta vez com um saldo positivo, dentro do possível. Evidentemente restavam, e ainda restam, muitas outras pela frente.

No Brasil

Em 13 de fevereiro de 1987 o revisionismo abre mais uma frente, desta vez no Brasil, onde um industrial aposentado, **Siegfried Ellwanger**, lança um livro que em pouco tempo se transforma num best seller nacional: "**Holocausto: Judeu ou Alemão?**", sob o pseudônimo de **S.E. Castan**. O sucesso estrondoso da obra, considerada uma autêntica "bíblia" revisionista pela abrangência e minúcias com que os fatos e provas são apresentados e analisados, alvoroça os círculos sionistas no país, apanhados completamente de surpresa, uma vez que o Brasil vinha sendo, até aquela data, um espectador mais ou menos alheio ao embate das forças apátridas multinacionais contra os esforços dos pesquisadores revisionistas. Refeitas do susto e enfurecidas, as federações israelitas se movimentam e, a nível nacional, abrem vários processos contra o autor, sob as acusações de "anti-semitismo", "racismo" e outros chavões costumeiros; a nível internacional acionam Edgar Bronfman, presidente do Congresso Judaico Mundial, que, em entrevista especial em Nova Iorque, com o presidente Collor, exige o fim da "literatura nazista" que surge no Brasil. A nível de Congresso Nacional os sionistas orientam o presidente da casa, deputado Ibsen Pinheiro, o qual consegue aprovar a "Lei anti-Castan", num retorno medieval ao obscurantismo. Ellwanger não se intimida. Depois de fundar a Revisão Editora, passa a editar obras históricas e revisionistas. Relança as obras de um dos maiores historiadores brasileiros, **Gustavo Barroso**, mantido por mais de meio século num esquecimento criminoso, por suas revelações históricas que não combinam com a versão dos eternos donos da verdade. O sionismo se movimenta usando todo seu poder de pressão e chantagem, agindo junto a todos os tipos de entidades possíveis: imprensa

em geral, associações de classes, livreiros e livrarias, gráficas, bancas de revistas, igrejas, políticos e partidos. Nada escapa à sua sanha. Não admitem que alguém "neste canto perdido do mundo" se atreva a desmascarar suas mentiras. E quase todos se curvam ao Moloch sionista. Ouro pesa mais do que dignidade ou consciências. Somente em um setor não conseguem a hegemonia do pensamento: na Justiça brasileira. Ao contrário dos judiciários do chamado 1º mundo, defrontam-se, atônitos, com magistrados que não admitem que outros, mormente estrangeiros, lhes digam o que pensar e o que fazer. Castan, aliás, afirmou e afirma sempre, que não é através da justiça que se deve discutir temas históricos. E este ponto de vista vem sendo corroborado por parte dos magistrados brasileiros, a través de claros pareceres que deverão formar jurisprudência, inclusive a nível mundial.

A luta de Ellwanger/S.E. Castan continua. Sempre sob o fogo cerrado da imprensa e das federações estrangeiras dentro de seu próprio país; mesmo sob o covarde boicote de livreiros sem coluna vertebral, continua lançando títulos esclarecedores e polêmicos: "SOS para Alemanha", onde disseca a subserviência dos dirigentes alemães ao sionismo; "Acabou o Gás!", versão brasileira do Relatório Leuchter; "Os Protocolos dos Sábios de Sião" e "O Judeu Internacional" de Henry Ford, que lhe valeram mais processos e apreensão de milhares de livros. Paradoxalmente, enquanto tantas entidades ditas representativas, enquanto os próprios "representantes" do povo se atiram, amestrada e raivosamente, contra Castan, é do próprio povo, do público leitor, que vem o apoio ao seu trabalho, de maneira espontânea e apaixonada. Impedido de vender pelos meios tradicionais, comercializa seus livros pelo correio, o que, apesar do substancial aumento no preço ao consumidor, não tem impedido que seus livros continuem suas vitoriosas carreira, fenômeno histórico-literário dentro da história editorial brasileira. Na sua última obra, "A Implosão da Mentira do Século", Castan literalmente desmonta com a farsa do "holocausto", apresentando provas inéditas, apontando e dissecando os objetivos ideológicos do sionismo mundial, que tenta evitar, com unhas e dentes, que a denominada *Mentira do século* chegue ao seu inevitável final, arrastando consigo o seu secular plano de domínio mundial.

Por tudo que temos visto, podemos afirmar que a lenda do pretendido "holocausto" não é nada mais do que uma impostura, há muito demonstrada e que recebeu das mãos de um engenheiro de Boston o golpe de misericórdia definitivo. Mesmo assim, a imensa maioria da população mundial ignora todos estes feitos, assim como as importantíssimas conseqüências que derivam do fato do história ser alterada. Temos de fazer chegar a todo o mundo a autêntica verdade do nosso século, assim como desmascarar os beneficiários da fraude e os seus motivos. A reconciliação entre os povos e a paz mundial, da qual hoje tanto se fala, nunca será possível enquanto na raiz de tudo perdurar a mentira. É pois o revisionismo, antes de tudo, uma luta pela Paz. E não é nada mais do que este o propósito deste livrinho simples que você acaba de ler.